

Mural Internacional, volume 16, dezembro - 2025 - Dossiê “A Dimensão Cultural das Relações Internacionais: percursos, desafios e transformações.”

Na apresentação do influente livro *A Quarta Dimensão das Relações Internacionais: A Dimensão Cultural* (2012), organizado por Hugo Rogelio Suppo e Mônica Leite Lessa, Antônio Carlos Lessa destacou que, embora o estudo da dimensão cultural nas Relações Internacionais seja antigo e bem consolidado no exterior, ele foi pouco explorado no Brasil. Na época, Lessa observou que esse cenário começava a mudar, refletindo o novo perfil que o Brasil assumia na política internacional. Hoje, mais de uma década depois, podemos afirmar que essa mudança se consolidou.

Atualmente, tanto em publicações acadêmicas quanto jornalísticas, são abundantes as análises sobre temas como *soft power* e diplomacia cultural. Se antes o foco recaía sobre a bossa nova e o cinema novo, hoje novas investigações exploram a influência de novelas, funk e outros fenômenos culturais contemporâneos, atraindo crescente interesse acadêmico. Além disso, cursos que abordam as interações entre cultura e Relações Internacionais têm se multiplicado, abrangendo diversas perspectivas, tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico.

Apesar dessa efervescência, ainda não se observa uma mudança significativa nas grades curriculares dos cursos de Relações Internacionais no Brasil. Com raras exceções, esses programas permanecem focados nas disciplinas tradicionais do *mainstream* das RI, sem avançar para debates que, conforme Lessa já apontava, são antigos e bem desenvolvidos em outras partes do mundo.

Diante desse quadro, a produção acadêmica brasileira nos estudos sobre cultura, mídias, estéticas e tecnologias, entre outros temas, ainda avança de forma limitada para além das abordagens tradicionais. As resistências presentes no campo das Relações Internacionais em relação a esses debates também se manifestam nas perspectivas teóricas e metodológicas ancoradas em ontoepistemologias críticas. Tais abordagens buscam desestabilizar, desconstruir e/ou descolonizar hierarquias, desigualdades e formas de poder que escapam ao centro gravitacional das visões *mainstream*. Essas perspectivas das margens, determinadas não pela geografia, mas por articulações de gênero, raça, etnicidade e outras dimensões, operam em espaços frequentemente concebidos como não-lugares, onde o internacional e o político se entrecruzam. Nesses espaços, atuam vozes dissidentes e subalternizadas cujas agências políticas seguem silenciadas, discriminadas e sistematicamente excluídas.

Tais reflexões têm raízes nos estudos pós-estruturalistas, feministas e construtivistas críticos das décadas de 1980 e 1990, marcados pela virada linguística. A partir das produções científicas inspiradoras em uma importante edição especial publicada *na International Studies Quarterly*, segundo as idealizações de Richard Ashley e Rob Walker, o campo das RI se abriu para outras formas de imaginação e de concepção acadêmica pudessem ter espaço e, sobretudo, legitimidade. As dissidências acadêmicas mobilizadas por intelectuais como James Der Derian e Michael Shapiro (1991), em *International/Intertextual Relations: Postmodern Readings of World Politics*, abriram espaço para compreender as Relações Internacionais como relações textuais, afastando-se do realismo epistêmico e reconhecendo outras formas de produção de conhecimento ancoradas em subjetividades plurais. Por meio da textualidade, diferentes abordagens estéticas tencionaram a distinção entre representado e representação, recolocando a política no centro da análise — como demonstram Roland Bleiker em *Aesthetics and World Politics* e *Visual Global Politics*, e Anastasia Veneti e Maria Rovisco em *Visual Politics in the Global South*.

Foi também através dos discursos políticos que se tornou possível observar, e, sobretudo refletir, como a relação entre representado e representação opera de modo a reproduzir continuamente a articulação entre modernidade e colonialidade. Para Walter Mignolo e Rolando Vázquez (2013), em “Decolonial AestheSis”, modernidade e colonialidade constituem faces indissociáveis de um mesmo projeto - o “Deus Janus” - que historicamente produziu essencializações, objetificações e estereótipos sobre sujeitos pós-coloniais por meio da alteridade. Somente pela denúncia e pela contestação dessas operações discursivas - entendidas como práticas de resistência e “reexistência” - torna-se possível reconfigurar os modos de ver, de sentir e de narrar o Internacional.

Na busca por uma RI plural, inclusiva e, sobretudo, autônoma, torna-se fundamental ampliar e fortalecer vozes dissidentes e historicamente subalternizadas, rompendo com os epistemicídios produzidos e reiterados tanto por aqueles(as) que fazem e praticam as Relações Internacionais quanto pelas instituições internacionais — como destaca Fernandez (2019). Nesse sentido, é necessário deslocar o olhar do centro para as margens, permitindo que, a partir de suas fraturas, suturas e fissuras, diferentes cosmovisões e cosmopraxis, tal como assinalado por Rojas (2016) e Querejazu (2022), possam emergir ao desafiar e desestabilizar as amnésias sociais e étnico-raciais que sustentam hierarquias e desigualdades no campo das RI. Nas últimas décadas, algumas análises políticas e culturais que têm reforçado a importância de traduções artísticas, em formato de cinema e arte de rua, estão entre as diversas revoluções estéticas que têm remodelado o campo das RI.

No Brasil, as experiências acadêmicas produzidas por Cristine Zanella e Edson Neves nos três volumes da coletânea *As Relações Internacionais e o Cinema* exemplificam os esforços acadêmicos inter-transdisciplinares, por meio das experiências em pedagogias sensoriais, afetivas e emancipatórias, na busca por uma outra e diferente forma de produção de narrativas e reconhecimento das agendas da cultura, mídias, tecnologias e artes no campo. Por isso, deixemos esta RI hegemônica, unilateral e monocórdica amparada nas relações arbitrárias e disfuncionais entre emissor e receptor, e busquemos, sobretudo, uma semiologia polifônica e multidirecional, cujas travessias sociolinguísticas vão além de uma simples transposição e transplantação de ideias, valores e/ou normas. Caminhemos para uma RI cuja política da tradução vise a uma transformação e/ou revolução sociolinguística e cultural por meio da ênfase nas ambiguidades e ambivalências dos/nos processos políticos - como nos convidam a refletir e a problematizar Pinar Bilgin (2021) e Victoria Motta (2024).

Esta edição especial da *Mural Internacional* busca justamente contribuir para a transformação desse cenário. O objetivo é atuar como um catalisador das inúmeras pesquisas que têm sido realizadas de forma dispersa pelo país sobre as múltiplas vertentes da interação entre cultura, mídias, estéticas e relações internacionais. Além disso, com esta edição especial visamos a abrir espaços e a reconhecer escutas afetivas e receptivas capazes de promover novos horizontes e perspectivas socioculturais sobre as RIs. Finalmente, pretendemos impulsionar diferentes e plurais olhares, permitindo que outras dinâmicas e/ou processos possam ser atravessados, circunscritos e potencializados nas/pelas RI, rompendo, portanto, com fronteiras e/ou bordas que regulam, excluem e marginalizam as dissidências e subalternidades dos atores, temas e/ou agendas de pesquisas. À luz destas questões, os artigos publicados nesta edição visam a problematizar, desmistificar e/ou revolucionar as RIs, enfatizando e, principalmente, promovendo em suas análises uma outra forma pedagógica de produção de conhecimento que não apenas destaque a “consolidada” agenda tradicional da cultura. Ao contrário, buscam abrir fissuras frente aos enquadramentos hegemônicos, fomentando a construção e a interlocução semiológica de espaços afetivos e imagéticos capazes de desestabilizar hierarquias ontoepistêmicas, ampliando “antigos” e “novos” horizontes críticos do debate (Santos, França et al. 2025).

Os artigos que compõem os blocos evidenciam a diversidade de abordagens e a amplitude temática do dossiê, abrangendo questões que vão da pedagogia política à diplomacia cultural e às representações sociopolíticas na cultura e nas mídias. O artigo “Combatendo a Cultura da Fome através da Arte: o papel do Teatro Político nos cursos de graduação” analisa como o teatro pode ensinar temas políticos sensíveis por meio de práticas pedagógicas emancipadoras, tomando como estudo de caso a peça *Fome* (2021) do

Grupo de Teatro Político Interna-só-na-mente. Mostra que o processo artístico transforma a compreensão dos participantes e do público sobre a fome como fenômeno político-social, contribuindo para desconstruir violências estruturais e simbólicas. Em “A Guerra do Deserto: o uso de uma história em quadrinhos como denúncia”, Marcio José Melo Malta e Gabriel Passetti analisam o álbum de quadrinhos A Guerra do Deserto, de Enrique Breccia, mostrando como a obra retrata a “Conquista do Deserto” argentina e critica a narrativa oficial heroica do Estado. A partir da vida do autor e dos quadrinhos, evidencia-se a denúncia da violência contra indígenas e gaúchos subalternos no contexto da Guerra Fria e das vésperas do golpe militar. Sob a interface entre Relações Internacionais e Literatura, Luciano da Rosa Muñoz em “A crítica de Lima Barreto à política externa de Rio Branco” reflete acerca dos escritos de Lima Barreto sobre a política externa americanista do Barão do Rio Branco, destacando sua oposição à preocupação excessiva com a imagem internacional e ao racismo institucional. Argumenta-se que Barreto construiu um discurso alternativo, ridicularizando práticas hegemônicas e denunciando exclusões na carreira diplomática.

No artigo “A Virada Afetiva nas Relações Internacionais: Ontologia, Método e a Crítica ao *Homo Economicus*”, Vinícius Armele defende a virada afetiva espinozista-deleuziana nas Relações Internacionais, substituindo o *homo economicus* por uma ontologia relacional centrada na corporeidade e nos afetos pré-discursivos. A partir de casos como a Guerra ao Terror e a extrema direita transnacional, demonstra como a gramática afetiva do poder molda lealdades e apresenta eixos metodológicos para estudar a dimensão sensível do internacional. No artigo “A Política Zumbi de Jair Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19: uma análise da caricatura política de Toni D’Agostinho”, Luisa de Mesquita e Clara Decol Sentanin refletem a caricatura de Jair Bolsonaro como zumbi de Toni D’Agostinho durante a pandemia de COVID-19, combinando análise iconográfica e pós-estruturalismo nas Relações Internacionais. Argumenta-se que a figura do zumbi simboliza internacionalmente o comportamento político do ex-presidente, evidenciando ignorância, violência e seu lugar na extrema direita global. No artigo “A pirataria, a propriedade intelectual e a produção (contra)cultural nas sociedades contemporâneas”, Pedro Cardoso mobiliza uma abordagem estética a fim de repensar as representações da indústria hollywoodiana e da pirataria e das políticas antipirataria moldadas pela influência dos Estados Unidos na ordem neoliberal. Ao analisar atores que defendem a pirataria e seus instrumentos culturais, o texto desestabiliza a criminalização dos piratas e a defesa hegemônica da propriedade intelectual.

No artigo “A repatriação de bens culturais para as Relações Internacionais”, Melissa Vicente, Dangelá Santana e Luany Oliveira analisam os saques culturais do século XX e os atuais processos de restituição, enfatizando o papel do Direito Internacional e da UNESCO

na construção de soluções cooperativas. A partir de casos como Egito, Itália e Nigéria, mostram o avanço de uma ética internacional voltada à preservação e à circulação justa do patrimônio cultural. Em “Bens Culturais e Repatriação: reflexões sobre a bibliografia brasileira”, Fernanda Nanci e Vinicius Sampaio apontam que, embora processos de restituição tenham se intensificado nas últimas décadas, persistem resistências ancoradas em visões coloniais, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Observam também que a literatura brasileira, ainda incipiente e majoritariamente normativa, reconhece a repatriação como reparação histórica e como instrumento político. Em “O manto tupinambá em retorno: reavivando museus e articulando práticas decoloniais e resistências transnacionais”, Leandro Henrique Laranjeiras, Ana Júlia Felipe Ramos e Monik Klein examinam a devolução do Manto Tupinambá como disputa transnacional de poder, memória e resistência. Articulando colonialidade, diplomacia cultural e o papel político dos museus, mostram como o retorno do artefato opera simultaneamente como prática diplomática e decolonial, capaz de desafiar hierarquias históricas e reposicionar os museus como agentes de transformação e de justiça histórica.

Os trabalhos acadêmicos acerca do cinema, da imigração e da segurança problematizam a representação, o essencialismo, os estereótipos e a criminalização dos sujeitos pós-coloniais. Marcelle Bessa, em “A produção da África e dos Africanos no Cinema”, analisa como filmes infantis ajudam a construir e, principalmente, como podem reforçar um imaginário pós-colonial sobre a África por meio de estereótipos ancorados em saberes coloniais. A partir de uma análise de discurso foucaultiana, mostra como tais representações servem a projetos políticos que hierarquizam regiões e sujeitos, sustentando dicotomias do mundo pós-colonial. Por sua vez, Suzana Velasco, em “Uma fenda na Representação: Imigrantes entre a Polícia e a Política no filme ‘Zona De Exclusão’”, examina como Zona de Exclusão (2023), de Agnieszka Holland, desafia as representações consensuais da imigração na Europa ao revelar fissuras na lógica policial que organiza o sensível, nos termos de Rancière. Mostra-se que o filme é político menos pelo tema e mais por deslocar o lugar “próprio” dos sujeitos migrantes, abrindo outras possibilidades de percepção e de organização da experiência migratória. Finalmente, no artigo “Futuro Estéril: *Children of Men* e a Distopia como Reprodução do Imaginário Capitalista-Securitário”, elaborado por Jonathan de Araujo de Assis e Lucas de Oliveira Ramos, debate-se como o cinema distópico hollywoodiano opera como dispositivo de reprodução do imaginário liberal-securitário, naturalizando colapso, autoritarismo e a contenção de alternativas. A partir do filme Filhos da Esperança (2006), argumenta-se que tais narrativas reforçam o “realismo capitalista” ao capturar o imaginário e ao limitar a imaginação política frente ao status quo.

Em “Tradição e processos da diplomacia cultural brasileira: balanço e perspectivas (1822-2010)”, artigo desenvolvido por Marcello de Souza Freitas e Mônica Leite Lessa, examina-se a formação da tradição brasileira de diplomacia cultural, mostrando como, diante de limitações estruturais, governos recorreram à promoção cultural como estratégia recorrente de inserção internacional. A partir de uma abordagem histórico-sociológica inspirada em Bourdieu, identifica-se marcos, motivações e mecanismos que, apesar das descontinuidades, configuram uma trajetória singular dessa prática no Brasil. No artigo “Formulação e avaliação da diplomacia cultural brasileira: um estudo de caso sobre a difusão cultural do Itamaraty (2013-2023)”, confeccionado por Felipe Augusto Oliveira Rezende, evidencia a difusão internacional da cultura brasileira e as políticas de diplomacia cultural do Itamaraty entre 2013 e 2023, com foco no Programa de Difusão Cultural (PDC) e o Programa de Ação Cultural e Educacional dos Postos (PACP). Com base em dados qualitativos e quantitativos dos relatórios oficiais e utilizando o modelo *Cultural Diplomacy Data Analysis Framework* (CDDAF), são identificados domínios culturais e públicos-alvo recorrentes a partir das amostras de 2013, 2016, 2019 e 2022. Fernando Santomauro, em “O Brasil em busca de prestígio: conceitos e conjunturas”, propõe refletir o conceito de Diplomacia do Prestígio para caracterizar a forma específica de atuação da política externa brasileira, dialogando com autores clássicos das Relações Internacionais e da História da Política Externa Brasileira, além de fontes primárias. Diferenciando-o de noções como diplomacia cultural, diplomacia pública e *soft power*, o estudo argumenta que o prestígio constitui um eixo analítico próprio da inserção internacional do Brasil.

Em “A Opinião Pública no Pensamento Autonomista”, os autores Victor Ferreira de Almeida e Samuel Ângelus Henrique Farias exploram como o pensamento autonomista interpreta o papel da opinião pública e dos meios de comunicação em projetos nacionais de desenvolvimento, identificando seu lugar sociológico e os impactos de uma mídia oligopolizada na estratégia de superação da dependência. Com base em revisão bibliográfica, argumentam que a concepção “republicana cética” de opinião pública exige um planejamento estratégico de comunicação nos países periféricos para enfrentar influências hegemônicas. Já no artigo “Nelson Werneck Sodré e o estudo da Cultura nas Relações Internacionais no Brasil: diálogos possíveis”, Eduardo Brasil de Mattos apresenta as contribuições de Nelson Werneck Sodré para o estudo da cultura brasileira, destacando sua abordagem internacional e ampla. Propõe um diálogo crítico entre sua obra, a perspectiva neoliberal de Joseph Nye Jr. e autores franceses da História das Relações Internacionais, evidenciando sua relevância ainda pouco reconhecida na disciplina. No artigo “A (In)Conveniência da Cultura nas Relações Internacionais: Apontamentos para outra

Epistemologia”, Elizabete Sanches Rocha examina a centralidade da cultura nas Relações Internacionais por meio das abordagens de Huntington e Nye, mobilizando contribuições dos Estudos Culturais, da Antropologia e da Linguística para problematizar o entendimento dominante que se consolidou na disciplina. Argumenta que a invisibilização da agência cultural serve à manutenção do status quo epistemológico, indicando a necessidade de repensar como a cultura é tratada como alteridade ao “Estado de Natureza” hobbesiano.

David Magalhães e Pedro Blaya Fernandes de Mello, no artigo “Neonazistas Sem Fronteiras: a transnacionalização da extrema direita por meio do Black Metal Nacional Socialista”, analisam a transnacionalização da extrema direita contemporânea por meio da subcultura do Black Metal Nacional-Socialista (BMNS), destacando sua lógica metapolítica e descentralizada. A partir de bandas como *Absurd* e selos como *Darker Than Black Records*, demonstra como música, estética e redes digitais promovem radicalização, identidade supremacista e conexões internacionais à margem da política institucional. Já em “A representação da ultradireita na cultura pop: ressentimento, teorias da conspiração e redes sociais em *The Boys*”, Guilherme Theodoro Gusson explora como a série *The Boys* representa ultradireitas contemporâneas, abordando autoritarismo, manipulação midiática e mobilização emocional. Argumenta-se que a série funciona como metáfora e como ferramenta analítica para compreender narrativas, teorias da conspiração e estratégias de engajamento das novas ultradireitas.

Em “A disseminação da propaganda cultural britânica através do British Council”, Filipe Philipps de Castilho revisa o papel do British Council na diplomacia cultural britânica, destacando seus instrumentos, estrutura e atividades externas como veículos de *soft power* e de propaganda cultural. Ana Livia Ayres Cardoso e Sandra Aparecida Cardozo, em “Diplomacia cultural da URSS na Guerra Fria: as turnês do Ballet Bolshoi nos Estados Unidos”, analisam como a União Soviética usou as turnês do Ballet Bolshoi para conquistar prestígio internacional, com base em conteúdo do The New York Times, evidenciando o envolvimento estatal soviético e a percepção ambígua do público estadunidense.

Ivi Vasconcelos Elias e Esther Pereira Brum, em “Gomu Gomu no Culture: *One Piece* e a diplomacia cultural do Japão”, exploram o anime *One Piece* como ferramenta de diplomacia cultural e de *soft power*, articulando-o ao nation branding e à política Cool Japan, demonstrando seu papel simbólico e político na projeção internacional do Japão. Por fim, em “K-diplomacia: A iniciativa Global Korea na política externa sul-coreana”, Thaisa Viana, Aline Mendes e Alanna Itajahy destacam a iniciativa Global Korea (2008) como instrumento de diplomacia pública, evidenciando como televisão, cinema e música pop fortalecem as

relações diplomáticas, a projeção internacional e o status da Coreia do Sul como potência média. No artigo “Cultura e Educação nas Relações Internacionais: o intercâmbio acadêmico internacional do Programa Global Korea Scholarship (GKS) como instrumento de diplomacia cultural sul-coreana”, Cristine Koehler Zanella, Edson José Neves e Livia Ribeiro da Silva examinam a internacionalização do Ensino Superior como ferramenta de diplomacia cultural capaz de influenciar percepções externas e de fortalecer a projeção internacional dos Estados. O estudo analisa o programa Global Korea Scholarship (GKS) como mecanismo estratégico da Coreia do Sul para difundir conhecimento sobre o país, ampliar seu prestígio e consolidar redes interpessoais duradouras.

Esperamos que os artigos desta edição especial da Mural Internacional não apenas ampliem e fortaleçam o campo dos estudos sobre a dimensão cultural das Relações Internacionais, mas também tensionem seus limites, questionem seus pressupostos ontológicos, desafiem discursos e práticas hegemônicas e impulsionem novas agendas de pesquisa ancoradas em uma geopolítica situada. Que este (multi)universo transformador e, principalmente, emancipador siga atraindo mais pessoas dispostas a repensar criticamente as desiguais relações que organizam e orientam formas de compreensão sobre a cultura, poder e política internacional. Boa leitura!

Editores responsáveis

Paulo Menechelli (Centro de Estudos Globais/UnB e LEMCRI-UERJ-UFRJ) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1402-265X>

Pablo Victor Fontes (Departamento de Relações Internacionais/UERJ e LEMCRI/UERJ-UFRJ) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5138-6773>

Referências Bibliográficas

ASHLEY, Richard K.; WALKER, R. B. J. “Introduction: Speaking the Language of Exile: Dissident Thought in International Studies”. *International Studies Quarterly*, v. 34, n. 3, 1990, p. 259-268.

ASHLEY, Richard K.; WALKER, R. B. J. “Conclusion: Reading Dissidence/Writing the Discipline: Crisis and the Question of Sovereignty in International Studies”. *International Studies Quarterly*, v. 34, n. 3, 1990, p. 367-416.

DER DERIAN, James, e Michael Shapiro. 1989. *International/Intertextual Relations: Postmodern Readings of World Politics*. New York: Lexington Books.

BLEIKER, Roland. 2015. *Aesthetics and World Politics*. New York: Palgrave Macmillan.

BLEIKER, Roland. 2019. *Visual Global Politics*. New York and London: Routledge.

BILGIN, Pinar. 2021. "On the 'Does Theory Travel?' Question: Traveling with Edward Said." In *The Politics of Translation in International Relations*, organizado por Zeynep Gülşah Çapan, Filipe dos Reis e Maj Grasten, 245–255. London: Palgrave.

FERNÁNDEZ, M. 2019. "As Relações Internacionais e seus Epistemicídios." *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD* 8(15): 458–485.

FRANÇA, Victoria Motta de Lamare. 2024. *The UN Community Liaison Assistants and the Politics of Translation*. Palgrave: Macmillan.

MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. 2013. "Decolonial AestheSis: Colonial Wounds/Decolonial Healings." *Social Text Online*, Disponível em: https://socialtextjournal.org/periscope_article/decolonial-aestheSis-colonial-woundsdecolonial-healings/

SANTOS, Pablo Victor Fontes; FRANÇA, Victoria Motta de Lamare; DA LUZ, Cristina Rego Monteiro; LESSA, Mônica Leite. 2025. "Humanization, Dehumanization, and Spectacularization: The Semiotics of UNICEF's Unfair Tales." *International Political Sociology*, v. 19, n. 1, article olaf004. DOI: <https://doi.org/10.1093/ips/olaf004>

QUEREJAZU, Amaya. 2022. "Cosmopraxis: Relational Methods for a Pluriversal IR." *Review of International Studies* 48(5): 875–890. DOI: 10.1017/S0260210521000450.

ROJAS, Cristina. 2016. "Contesting the Colonial Logics of the International: Toward a Relational Politics for the Pluriverse." *International Political Sociology* v. 10, n. 4, pp.369–382. DOI: <https://doi.org/10.1093/ips/olw020>.

SUPPO, Hugo; LESSA, Mônica Leite. 2012. *A quarta dimensão das Relações Internacionais: A dimensão da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

VENETI, Anastasia; ROVISCO, Maria (eds.). 2023. *Visual Politics in the Global South*. Cham: Palgrave Macmillan / Springer International Publishing.

ZANELLA, Cristine Koehler; NEVES JÚNIOR, Edson José (orgs.). 2015. *As Relações Internacionais e o Cinema: Espaços e Atores Transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço.

**EDITORIAL: A DIMENSÃO CULTURAL DAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS: PERCURSOS, DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES |
EDITORIAL: THE CULTURAL DIMENSION OF INTERNATIONAL
RELATIONS: PATHWAYS, CHALLENGES, AND TRANSFORMATIONS**

ZANELLA, Cristine Koehler; NEVES JÚNIOR, Edson José (orgs.). 2016. *As Relações Internacionais e o Cinema: Estado e Conflitos Internacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço.

ZANELLA, Cristine Koehler; NEVES JÚNIOR, Edson José (orgs.). 2021. *As Relações Internacionais e o Cinema: Organizações Internacionais e Governança Global*. Belo Horizonte: Fino Traço.

Revista hospedada em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional

Forma de avaliação: double blind review | DOI: <https://doi.org/10.12957/rmi.2025.95692>

